

ESTUDO ACERCA DA PROSÓDIA DA LÍNGUA SHANENAWA* (PANO**)

EXAMINING THE BEHAVIOR OF THE LANGUAGE SHANENAWA (PANO)

ESTUDIO ACERCA DE LA PROSODIA DE LA LENGUA SHANENAWA (PANO)

Agmar Cruvinel¹

Sinval M. de Souza Filho

Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, BR

RESUMO: Este artigo tem por principal objetivo analisar o comportamento da língua Shanenawa diante da possibilidade do choque de acentos (*stress clashes*) no nível de palavras compostas, ou seja, se essa língua, como muitas outras, demonstra rejeição às sequências de sílabas acentuadas. Ademais, analisamos ainda se existe algum tipo de determinação morfológica para o acento secundário e a relação desse acento com o peso silábico. Para tanto, a nossa pesquisa tem como base os estudos de Kenstowicz, Hayes, Spencer e, também, uma grade métrica proposta por Liberman e Prince. A análise parte de dados de gravações de palavras pronunciadas por falantes nativos da referida língua.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Shanenawa; acento em compostos; fonologia não linear.

ABSTRACT: This article aims to examine the behavior of the language Shanenawa in the case of the stress clashes on the compound word level, i. e., if this language, like many others, demonstrates rejection of sequences of stressed syllables. Furthermore, we analyze whether there is some kind of morphological determination for secondary stress and the relation of this stress with the syllable weight. To this end, our research is based on the studies of Kenstowicz, Hayes, Spencer and also a metric grid proposed by Liberman and Prince. The analysis is based on data from recordings of words pronounced by native speakers of that language.

KEYWORDS: Language Shanenawa; stress on compounds; non-linear phonology.

RESUMEN: Este artículo tiene como propósito principal analizar el comportamiento de la lengua Shanenawa frente a la posibilidad del choque de acentos (*stress clashes*) en el nivel de las palabras compuestas, indicando, si esa lengua, como muchas otras, demuestra haber un rechazo por las secuencias de sílabas acentuadas. Además, también se analiza si existe algún tipo de determinación morfológica para el acento secundario, así como la relación de ese acento con el peso silábico. Para tanto, nuestra investigación toma por base los estudios de Kenstowicz, Hayes, Spencer e, incluso, una tabla métrica propuesta por Liberman y Prince. El análisis se basa en grabaciones de palabras pronunciadas por hablantes nativos de dicha lengua.

PALABRAS-CLAVE: Lengua Shanenawa; acento en compuestas; fonología no linear.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos acerca das línguas Pano vêm se desenvolvendo há décadas no Peru e na Bolívia. Em relação ao Brasil, pesquisas sobre línguas Pano começaram a ser ampliadas apenas a partir da década de 1980, fato que dificultou consideravelmente a tarefa de classificar as referidas línguas.

Quanto às classificações das línguas Pano, a primeira foi realizada no final do século XIX por Grasserie (1890). Em tal classificação, a família Pano foi considerada composta pelas seguintes línguas: Conibo, Pacavara, Caripuna, Culino, Maxuruna e Mayoruna. Desde então, várias outras classificações foram feitas. Primeiramente, surgiram as que se basearam no conhecimento de línguas Pano bolivianas e peruanas e, após a década de 1980, devido ao surgimento de estudos de línguas Pano no Brasil, as línguas brasileiras começaram a ser inseridas em tais classificações.

Apesar de serem muito questionadas, as classificações de Greenberg (1956) e Swadesh (1964) são bastante utilizadas (RIBEIRO, 2006). Essas, assim como muitas outras classificações, assevera Ribeiro (2006), apresentam problemas como: nomes diferentes para designar um mesmo grupo, que, em decorrência da referida falha, passam a ser entendidos como grupos diferentes; confusão ou até mesmo inclusão de nomes

* Shane significa “pássaro azul”, e nawa significa, nesse contexto, “povo”, mas também pode significar “homem branco”.

** Conforme Tessman (1999), é provável que Pano signifique “tatu gigante”.

¹ Email: cruvinelagmar@gmail.com.

de povos que não são falantes de línguas Pano na classificação dessa família; recorrentes confusões feitas entre língua e etnia dos falantes, resultando numa classificação étnica em vez de linguística e, também, problemas relacionados ao fato de a maioria das classificações não apresentarem uma avaliação linguística eficaz e, por fim, o fato de algumas classificações serem feitas com base exclusivamente na localização geográfica dos povos.

Segundo Ribeiro (2006), há uma diversidade de classificações, como as de d'Ans (1973), que é baseada em um método glotocronológico; a apresentada por Shell (1975), baseada no método histórico-comparativo; e de Loos (1999), que está mais próxima de uma classificação puramente linguística.

A última classificação da Família Pano de que se tem notícia até o momento é a de Ribeiro (2006), que propõe uma classificação pautada em critérios estritamente linguísticos. Em tal classificação, a família Pano é formada por um total de 34 línguas que estão divididas em quatro grupos (I, II, III, IV) e doze subgrupos (II-1, II-2, III-1, III-2, III-2-1, III-2-2, III-2-2-1, III-2-2-2, III-2-3, IV-1, IV-2, IV-3). Conforme Ribeiro (2006), a língua Shanenawa faz parte do subgrupo III-2-2-2.

No que concerne aos estudos da língua Shanenawa, os principais são os realizados por Cândido (1998 e 2004). Tais pesquisas apresentam uma visão geral do funcionamento da língua, isto é, abarcam fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-pragmáticos da língua em questão.

A fim de ampliar os estudos relacionados a essa língua, este artigo visa apresentar pesquisa acerca de sua prosódia. Nesse sentido, seu principal objetivo é apresentar pesquisas preliminares relacionadas ao comportamento da língua Shanenawa diante da possibilidade do choque de acentos no nível de palavras compostas, ou seja, analisamos se o Shanenawa demonstra rejeição às sequências de sílabas acentuadas (choque de acentos [*stress clashes*]), como, de acordo com Bisol (2001), acontece no português brasileiro, no qual o acento mais à esquerda é geralmente deslocado. Um exemplo desse fenômeno em português brasileiro é a formação de composto com as palavras *redator* (que tem acento na última sílaba) e *chefe* (cujo acento está na primeira sílaba). A fim de evitar o *stress clash* o acento do composto mais à esquerda é deslocado como pode ser verificado a seguir: *redator chefe* (BISOL, 2001).

Esse fenômeno também é observado no inglês, como atesta Spencer (1997) na formação de composto com as palavras *unknown* (que possui acento na última sílaba) e *soldier* (na qual o acento cai na primeira sílaba). Após formar composto com *soldier*, a palavra *unknown*, que é o elemento mais à esquerda do composto tem o seu acento deslocado para a esquerda: *unknown soldier*. Para se referir a tal fenômeno, Spencer (1997) usa o termo *Iambic Reversal*.

Para investigar tal fenômeno na língua em questão julgamos conveniente aprofundar estudos relacionados ao acento secundário nas palavras compostas. Dessa forma, procuramos analisar se o Shanenawa, a exemplo do inglês e português, possui algum tipo de determinação morfológica para o acento secundário e, também, a relação desse acento com o peso silábico. Análises essas que também serão apresentadas neste artigo.

Com nossos estudos, esperamos colaborar para um maior conhecimento da prosódia da língua Shanenawa e, conseqüentemente, da família linguística Pano, além de oferecer dados para a teoria fonológica que trata, por exemplo, do comportamento das línguas relacionadas a evitar sequências de sílabas pesadas acentuadas, ou *stress clashes*.

Para tanto, a nossa pesquisa tem como base os estudos de Kenstowicz (1994), Hayes (1995), Spencer (1997) e a grade métrica proposta por Liberman e Prince (1977), a qual calcula a hierarquia do acento e mostrou-se produtiva e eficiente na representação do comportamento do acento em palavras compostas. O *corpus* utilizado é produto de gravações de palavras pronunciadas por falantes nativos do Shanenawa. As gravações foram feitas por Cândido na aldeia Morada Nova em 1997, para a realização de análises apresentadas na sua dissertação de mestrado. Assim, o *corpus* que utilizamos é parte de dados coletados para os estudos de Cândido (1998).

Quanto aos aspectos gramaticais, é importante ressaltar que, nessa pesquisa, adotamos a seguinte definição de “palavra”: “uma unidade autônoma constituída de um ou vários morfemas dotada de significado” (cf. AZEREDO 2004, p. 69). Pautando-nos em tal definição, na presente pesquisa, entendemos que palavra composta é uma unidade autônoma formada respectivamente por duas ou mais bases significativas

independentes de duas ou mais palavras simples (não compostas) que se comportam como uma única estrutura semanticamente autônoma.

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos, de forma sucinta e por motivo de contextualização, os fones e fonemas do Shanenawa, além de resumirmos os estudos acerca da sílaba e do acento primário realizados por Cândido (1998 e 2004); na segunda seção, apresentamos a fundamentação teórica que norteia nossa pesquisa e, em seguida, na terceira seção, discorreremos sobre a metodologia empregada em nosso estudo; por fim, na quarta e última seção, apresentamos os resultados e discussões sobre o acento em palavras compostas da língua Shanenawa.

2 FONES, FONEMAS, A SÍLABA E O ACENTO PRIMÁRIO DA LÍNGUA SHANENAWA

A língua Shanenawa é composta por 25 fones consonantais: p, t, d, c, k, q, ʔ, m, n, ɲ, ŋ, N, r, β, f, v, s, ʃ, ʂ, h, ts, tʃ, dʒ, j, w, entre os quais apenas 14 figuram como fonemas: p, t, k, m, n, r, f, s, ʂ, h, ts, tʃ, j, w. Em relação aos fones e fonemas vocálicos, a língua Shanenawa é composta por 11 fones: i, ì, í, ỹ, u, ã, e, o, æ, ɜ, a e apenas 4 fonemas: i, í, a, u.

Em relação à sílaba, a língua Shanenawa possui quatro tipos silábicos no nível fonológico: V, VC, CV e CVC, que podem ser resumidos na fórmula básica (C) V (C) (CÂNDIDO, 1998). A maioria das palavras simples (não compostas) dessa língua é formada por duas sílabas quando se encontram em sua forma primitiva ou básica (sem adição de afixos), como em (01a e 01b). Já os monossílabos são raros e todos tônicos como em (01c e 01d). As palavras com três ou mais sílabas estão divididas da seguinte forma: a) os grupos das não derivadas (formas sem acréscimo de afixos), que aparecem em número reduzido como em (01e) e b) as palavras formadas por uma raiz acrescida de afixos como em (01f) (CÂNDIDO, 2004):

- (01) (a) [na'ĩʔ] /nai/ 'céu'
 (b) [tʃu'maj] /tʃumaj/ 'pegar'
 (c) [fuʔ] /fu/ 'cabelo'
 (d) [tʃiʔ] /tʃi/ 'fogo'
 (e) [pahỹciʔ] /pahinki/ 'orelha'
 (f) [mufi'tiʔ] /mufiti/ 'mão + morfema quantificador'

Quanto ao acento primário, este tem caráter apenas demarcativo, ou seja, não é contrastivo (CÂNDIDO, 2004). Além disso, é sempre previsível, pois, independente do número de sílabas de que a palavra é constituída, cai sempre na última sílaba, a qual é sempre pesada. Em tal sílaba, a coda é preenchida por um arquifonema nasal /N/, pela consonante coronal /ʂ/ ou aproximante /j/ ou /w/. Quando esses fonemas não aparecem na coda, ela é preenchida, no nível fonético, pela consoante glotal [ʔ]. Esse fenômeno se deve ao fato de a língua Shanenawá inibir sílabas leves na posição final das palavras. Portanto, para a atribuição do acento primário, a língua em questão é sensível ao peso silábico (CÂNDIDO, 2004).

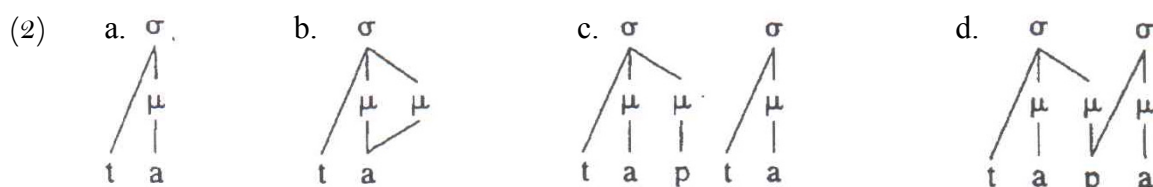
Conforme afirmação de Cândido (2004), ao considerar os princípios e parâmetros de Hayes (1995), para estabelecer o algoritmo acentual do Shanenawá, deve-se postular o seguinte: as sílabas são estruturadas em pés binários de forma não iterativa, cuja direção é estabelecida da direita para a esquerda, com cabeça à direita. Porém, a pesquisadora ressalta que, apesar da consistência apresentada pelos dados analisados, tem dúvidas quanto à possibilidade de os princípios e parâmetros de Hayes (1995) serem aplicados ao Shanenawa, já que o comportamento fixo do acento primário está relacionado ao fato de a última sílaba da língua em questão ser sempre pesada.

3 BASE TEÓRICA PARA A ANÁLISE DO ACENTO EM PALAVRAS COMPOSTAS

Nosso estudo acerca do acento em palavras compostas da língua Shanenawa parte da perspectiva da teoria métrica, a qual defende a natureza hierárquica do acento. Assim, nossa pesquisa tem como base os estudos de Kenstowicz (1994), Hayes (1995) e Spencer (1997).

Kenstowicz (1994) e Hayes (1995) atestam que apenas em línguas sensíveis à quantidade, as sílabas pesadas atraem o acento. De acordo com os estudos de Kenstowicz (1994) acerca da quantidade silábica, em muitas línguas, sílabas CVV, CVC e CVG (G = germinada) se comportam como pesadas. Um dos tratamentos gerativos mais populares sobre essa questão recupera a noção de mora da gramática tradicional, a fim de expressar a ideia de que uma sílaba leve canônica, isto é CV, consiste em uma unidade, enquanto a sílaba pesada contém duas unidades.

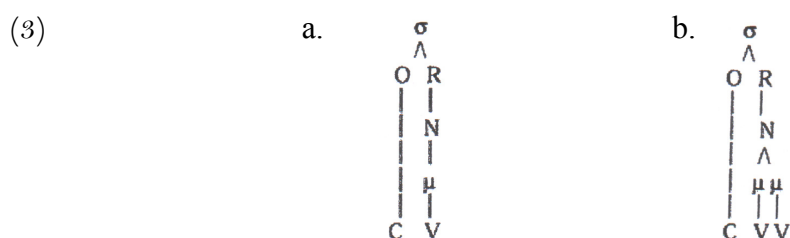
Segundo Kenstowicz (1994), nos modelos de McCarthy e Prince (1986) e Hayes (1989) a sílaba CV (leve) e as sílabas CVV, CVC e CVG (pesadas) são representadas, respectivamente, como em (2a), (2b), (2c) e (2d) a seguir. (σ = sílaba, μ mora).



Em suas observações sobre as propriedades de tais representações, Kenstowicz (1994) explana que: a) a mora não é uma espécie de som, mas uma unidade prosódica elementar que, como as sílabas, organiza os fonemas de uma maneira particular; b) a mora é um constituinte da sílaba que intervém entre a $[\sigma]$ e a cadeia fonêmica, c) o que aproxima as sílabas pesadas é sua estrutura bimoraica, mas elas diferem quanto ao modo como a segunda mora se relaciona à cadeia fonêmica. Na sílaba CVV, cuja vogal é longa, uma única vogal abrange duas moras (2b). Na sílaba CVC, a vogal preenche a primeira mora, enquanto a consoante na coda ocupa a segunda (2c). Já, no caso de uma consoante geminada, uma única consoante preenche, simultaneamente, a segunda mora de uma sílaba e o onset da sílaba seguinte (2d). Ademais, Kenstowicz (1994) assevera que um onset não licencia mora e, portanto, não tem peso.

Em relação ao estudo do peso silábico, Hayes (1995) atesta que uma sílaba CV, que tem sempre um elemento no núcleo, é sempre leve (ou monomoraica) e uma CVV, que sempre possui dois elementos no núcleo, é sempre pesada (ou bimoraica). Isso ocorre, porque o(s) elemento(s) do onset nunca licencia(m) uma mora e, por essa razão, regras de acento só levam em consideração os elementos da rima.

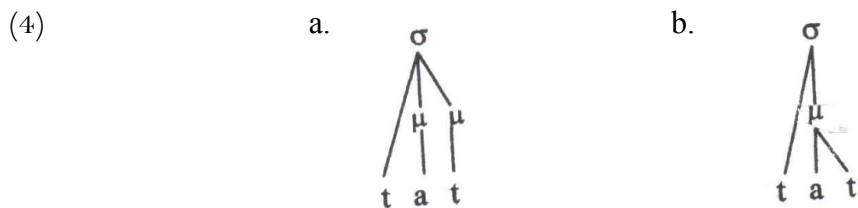
Os referidos fenômenos ligados às sílabas CV e CVV podem ser ilustrados, respectivamente, em (3a) e (3b), por meio das representações baseadas na proposta de Goldsmith (1990, p.170) abaixo.



Quanto à sílaba CVC, Hayes (1994) afirma que essa apresenta uma variação de peso entre as línguas (ou seja, ela pode ser monomoraica ou bimoraica). Tal variação acontece devido ao fato de, para definir o peso silábico, haver línguas que optam por contar os elementos da rima e línguas que preferem contar apenas os elementos do núcleo. A partir do modelo de Goldsmith (1990, p. 170), a sílaba CVC pode ser representada como em (3c), onde parênteses na μ assinalam que há línguas que consideram a quantidade de elementos na rima, para determinar o critério de peso silábico e, assim, a mora em questão é licenciada, mas que existem também línguas que não consideram tal critério, preferindo contar apenas os elementos do núcleo.



Já Hayes (1995, p. 52) traz duas representações referentes à sílaba CVC. Na primeira (4a), trata da representação em que essa sílaba é definida como pesada, como acontece no Latim e, na segunda (4b), definida como sílaba leve, como ocorre na língua Yupik da ilha de São Lorenço.



No que diz respeito à *Eurritmia*, segundo Spencer (1997), desde que os primeiros fonologistas começaram a investigar acento e ritmo a partir da perspectiva métrica, percebeu-se que, em muitas línguas, existe um princípio de organização que serve para manter rigorosamente o ritmo. Entretanto, isso não significa que pronunciemos enunciados de uma prosa da mesma maneira que de um poema. O que se verifica é que há uma grande tendência em evitar seqüências de acentos que se desviam muito de um padrão simples de ritmo. As línguas impõem um padrão alternativo de sílabas fortes e fracas em um ritmo duplo (...forte fraco forte fraco forte ...) ritmo triplo (... forte fraco fraco forte fraco fraco ...). Como resultado, tais línguas tendem a evitar seqüências ininterruptas de sílabas completamente átonas, ou *lapses*, assim como as seqüências de sílabas pesadas acentuadas, ou *stress clashes*. Tal tendência, entre outras línguas, é confirmada no português brasileiro e no inglês.

Conforme atesta Bisol (2001), o português brasileiro demonstra rejeição às seqüências de sílabas acentuadas (*stress clashes*), como acontece na formação de composto com as palavras *redator* (que tem acento na última sílaba) e *chefe* (cujo acento está na primeira sílaba). A fim de evitar o *stress clashes* o acento da palavra mais a esquerda é deslocada como a seguir: *redator chefe*.

Tal fenômeno também ocorre no inglês como pode ser observado quando, conforme Spencer (1997), as palavras *unknown* (que possui acento na última sílaba) e *soldier* (na qual o acento incide na primeira sílaba) formam um composto. Nesse processo, a palavra *unknown*, que é o elemento mais a esquerda do composto tem o seu acento deslocado para a esquerda: *unknown soldier*. Para se referir a tal fenômeno, Spencer (1997) usa o termo *Iambic Reversal*. Tal termo é utilizado, como afirma o próprio Spencer (1997), porque um ritmo iâmbico *w* (sílaba fraca [ou átona]) + *s* (sílaba forte [ou tônica]) é invertido para um troqueu *s* + *w*.

4 METODOLOGIA

Para melhor representar e analisar o acento como proeminência nas palavras compostas do Shanenawa, adotamos a grade métrica proposta por Liberman e Prince (1977), a qual calcula a hierarquia métrica e é apresentada em Hayes (1995) e Spencer (1997). Essa grade métrica consiste em uma maneira simples e mais direta de verificar padrões de acento e todas as relações de proeminência de um composto (SPENCER, 1997) e, assim como em Spencer (1997), será apresentada como x's. A grade métrica em questão consiste em uma série de linhas contendo marcas que permitem destacar acento primário e secundário. O acento secundário terá uma marca a mais em relação à(s) sílaba(s) fraca(s), enquanto o acento primário terá uma marca a mais em relação ao acento secundário.

Como foi mencionado anteriormente, em nossos estudos, adotamos o termo *palavra* conforme a seguinte definição apresentada em Azeredo (2004, p. 69): “uma unidade autônoma constituída de um ou vários morfemas dotada de significado”. Pautando-nos em tal definição, na presente pesquisa, entendemos que palavra composta é uma unidade autônoma formada respectivamente por duas ou mais bases significativas independentes de duas ou mais palavras simples (não compostas) que se comporta como uma única estrutura semanticamente autônoma.

Ressaltamos também que trabalhamos com um *corpus* constituído por gravações de palavras pronunciadas por falantes nativos do Shanenawa em um contexto neutro (não enfático). Tal *corpus* é constituído por gravações realizadas pela Dra. Cândido² com informantes da aldeia Morada Nova em 1997, período de

² Agradecemos à Dra. Gláucia V. Cândido por, gentilmente, ceder-nos as gravações de vocábulos da língua Shanenawa utilizadas na realização de nossos estudos para o presente artigo.

desenvolvimento de sua dissertação de Mestrado defendida em 1998. Ademais, apresentamos as palavras da língua Shanenawa transcritas fonética e fonologicamente com os símbolos do IPA (*International Phonetic Alphabet*).

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Após analisarmos dados da língua Shanenawa, constatamos regularidades como as que estão nos seguintes dados:

- (2) (a) /nawa/ + /pia/ => /nawapia/ ‘**espingarda**’ (Representação fonológica)
 homem branco + flecha
 [na’waʔ] + [pi’aʔ] => [na,wapi’aʔ] (Representação fonética)
- (b) /ta’ri/ + /ʃu’tʃi/ => /ta,riʃu’tʃi/ ‘**calça**’ (Representação fonológica)
 roupa + coxa
 [ta’riʔ] + [ʃu’tʃiʔ] => [ta,riʃ’tʃiʔ] (Representação fonética)
- (c) /u’ʃi/ + /u’ʃa/ => /u,ʃi’ʃa/ ‘**mês passado**’ (Representação fonológica)
 lua + dormir
 [u’ʃiʔ] + [u’ʃaʔ] => [u,ʃi’ʃaʔ] (Representação fonética)

Conforme pode ser verificado em cada um dos dados expostos em (02), o acento primário da sílaba que está na palavra primitiva que fica à esquerda (a segunda) do composto é preservado, o que confirma que o acento primário ocorre sempre na última sílaba, a qual, invariavelmente, é pesada. Contudo, o acento da sílaba que está na palavra primitiva à direita (a primeira) do composto é mantido como acento secundário.

Outra questão importante referente ao acento secundário é a sua insensibilidade ao peso silábico. Como pode ser verificado nos dados acima, o segmento consonantal glotal que ocupa a posição de coda na última sílaba da primeira palavra primitiva de cada composto (a que fica à direita do composto) não é mais articulada no processo de composição. Dessa forma, as sílabas que anteriormente eram pesadas e recebiam o acento primário tornam-se leves, embora preservem os acentos primários como secundários. Isso implica que, ao contrário do que ocorre com o acento primário, a língua Shanenawa apresenta insensibilidade silábica para o acento secundário.

Ademais, o fato de os acentos primários das primeiras palavras primitivas dos compostos serem preservados como acentos secundários indica que este último acento apresenta pelo menos um tipo de determinação morfológica.

Todos os dados apresentados em (02) podem ser representados de forma simples na grade métrica de Liberman e Prince (1977). A seguir apresentamos a utilização de tal grade para representar os dados de (02b) mencionados acima, o que permite perceber a estrutura hierárquica da proeminência:

$$\begin{array}{ccccccc}
 & & & & & & X \\
 & & & & & & X \\
 & X & & X & & X & X \\
 X & X & & X & X & X & X & X \\
 ta & ri & + & ʃu & tʃi & => & tari & ʃu & tʃi
 \end{array}$$

Em “tari” e “ʃutʃi”, no nível mais baixo da grade (primeiro nível), temos uma marca para cada uma das sílabas. No segundo nível, só recebe marca a sílaba mais proeminente de cada vocábulo transcrito fonologicamente, ou seja, as sílabas que atraem o acento.

Após as bases independentes em questão se juntarem, a fim de formarem uma nova palavra, surge um novo nível (terceiro nível, o mais alto). Isso acontece, porque cada uma das palavras mantém sua acentuação primitiva. Todavia, o acento do elemento mais à direita (primeira palavra primitiva do composto) é enfraquecido. Assim, o acento do elemento mais à esquerda do composto (segunda palavra primitiva do

composto), que está na última sílaba, tem maior proeminência. Por essa razão, a última sílaba tem uma marca de grade extra. Desta forma, a grade deixa em destaque as sílabas acentuadas de forma hierárquica. A sílaba que aparece com três marcas é a que tem maior proeminência e, portanto, atrai o acento primário que, por ser mais proeminente, é classificado como *acento principal*. Por outro lado, a sílaba que tem duas marcas possui uma proeminência menor e, por isso, atrai o acento classificado como *acento secundário*.

Com relação à sequência de sílabas acentuadas em palavras compostas, podemos verificar ocorrências como as apresentadas nos compostos *ʃiki ʃu*³ (milho verde) que resulta da junção de /ʃiki/ (milho) + /ʃu/ (verde) e *ʃupa ʃu* (mamão verde) que resulta da junção de /ʃupa/ (mamão) + /ʃu/ (verde) respectivamente apresentadas em (03a) e (03b) a seguir:

(3)	(a)	(b)
	x	x
	x x	x x
	x x x	x x x
	ʃiki ʃu	ʃupa ʃu

Como pode ser observado em (03a) e em (03b), a língua Shanenawa permite a ocorrência de choque de acentos (*stress clashes*), pois ocorrem sequências de duas sílabas acentuadas. Assim, temos a sílaba que atrai o acento secundário (que recebe duas marcas na grade métrica) seguida da sílaba que carrega o acento primário (que recebe três marcas) na grade métrica.

6 CONCLUSÃO

Neste artigo, verificamos que a língua Shanenawa apresenta acento secundário nas palavras compostas e mantém, como acontece nas palavras simples (primitivas), o acento primário na última sílaba. Em tal processo, constatamos um tipo de determinação morfológica para o acento secundário, pois o acento primário da primeira palavra primitiva dentro do composto é mantido como acento secundário.

Outro aspecto comprovado no estudo é o fato de o segmento glotal [ʔ] – articulado no nível fonético em palavras primitivas, mas não no nível fonológico – não ser articulado nas palavras compostas, quando tem seu acento primário preservado como secundário. Isso implica que as sílabas nas quais o acento secundário incide sejam leves, o que nos permite concluir que a língua Shanenawa é insensível ao peso silábico para acento secundário.

Para verificar o comportamento da língua Shanenawa em relação à possibilidade do choque de acentos (*stress clashes*), no nível da palavra, buscamos analisar palavras compostas que tinham palavras primitivas monossilábicas ocupando a sua esquerda (segunda palavra primitiva dentro do composto). Nessa análise, principal objetivo desse estudo, constatamos que a língua continuou mantendo o acento primário da primeira palavra primitiva do composto como acento secundário e, como era previsto, o acento primário na última sílaba. Tal fenômeno nos permitiu inferir que a língua em questão, ao contrário de muitas outras línguas que evitam o choque de acentos (SPENCER, 1997), tende a preferir manter sempre, em suas palavras compostas, o acento primário da primeira palavra primitiva do composto como acento secundário a evitar o choque de acentos (*stress clashes*), isto é, a língua Shanenawa, ao contrário de muitas línguas, não se comporta de forma a evitar o *stress clashes*. Tal aspecto da língua Shanenawa nos permite levantar a hipótese de que o *stress clashes* também ocorra no nível frasal dessa língua e, possivelmente, em outras línguas Pano que possuam acento fixo na última sílaba, assim como, monossilábicos acentuados.

Com os estudos apresentado aqui esperamos poder contribuir para um maior conhecimento da língua Shanenawa e, conseqüentemente, das línguas Pano. Ademais, esperamos contribuir para pesquisas acerca do acento e ritmo. Especialmente, as que se referem à *Eurritmia*.

³ /u/ refere-se apenas à fase anterior à maturação de frutos.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CÂNDIDO, Gláucia Vieira. *Aspectos fonológicos da Língua Shanenawá (Pano)*. 140 f. Dissertação (Mestrados em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- _____. *Descrição morfossintática da Língua Shanenawa (Pano)*. 292 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- D'ANS, André. Marcel. Reclasificación de las Lenguas Pano y datos glotocronológicos para la etnohistoria de la Amazonía peruana. *Revista del Museo Nacional*, 1973.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- GRASSERIE, Raoul de La. De la famille linguística Pano. CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 7., Berlín, 1890. *Actas del...* p. 438-450.
- GREENBERG, Joseph. The general classification of central and South American languages. In: WALLACE, Anthony F. C. (Ed.). *Men and cultures: selected papers of the 5th International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*. Philadelphia, 1956. p. 791-794.
- HAYES, Bruce. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago: The University of Chicago, 1995.
- LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic inquiry*, n. 8, p. 249-336, 1997.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LOOS, Eugene E. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, D. Y. (Eds.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante. Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. *Revista investigações em linguística e teoria literária*, v. 19, n. 2, p. 16-37, 2005..
- SHELL, Olive. A. *Estúdios Panos – III: Las Lenguas Pano y su Reconstruccion*. Perú: Mary Ruth Wise, 1975.
- SPENCER, Andrew. *Fonology*. Massachusetts: Blackwell, 1997.
- SWADESH, Morris. Afinidades de las Lenguas Ameríndias. In: INTERNACIONALEN AMERIKANISTEN KONGRESS, 34. Wien, 1950. *Akten des...* p. 729-739.
- TESSMANN, Günter. *Los índios del Perú nororiental*. Trad. Gunda Wierhake. Quito, Ecuador: Abya-Yala, 1999.

Recebido em 12/06/12. Aprovado em 24/08/12.